

## Acerca dos projecteis para funda da Lomba do Canho (Arganil)

Amílcar Guerra \*\*

### Resumo

A descoberta na guarnição militar da Lomba do Canho de um pequeno conjunto de *glandes plumbeae* levou-nos a propor um enquadramento dos materiais idênticos do território português. Chamamos a atenção para a sua frequente associação, na Península Ibérica, com a “Guerra de Sertório” e as Guerras Civis facto que nos leva a considerar que o âmbito cronológico dos achados se deve circunscrever à última fase do período republicano. Analisamos ainda algumas questões que se prendem com o processo de fabrico, dado se constatar que alguns conjuntos foram produzidos por um processo que se encontra escassamente documentado. Complementarmente fazemos uma breve referência aos projecteis de terracota e de pedra.

### Abstract

*During fieldworks in the roman camp at Lomba do Canho (Arganil) several sling projectiles were found (glandes plumbeae) enabling our writing of this paper concerning their analysis and place in the context of similar artefacts from Portugal.*

*Their frequent association in the Iberian Peninsula with the Sertorian and Civil wars was noticed and leads us to conclude that their chronology should be attributed to the last fifty years of the republican period.*

*It was also possible to analyse some aspects of their manufacture processes as a few were made through procedures little documented until now.*

*As some of the projectiles studied are made of stone or terracota we have also considered the evidence concerning their use and production.*

\* Assistente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, investigador da UNIARCH (INIC). Av. de Berna, 24, P-1000 Lisboa, Portugal.



Destina-se o presente estudo a dar a conhecer alguns materiais provenientes das escavações que o Senhor Prof. Doutor João de Castro Nunes levou a cabo no estabelecimento militar da Lomba do Canho (Secarias, Arganil). Sobre a natureza da estação, bem como de questões em torno da estrutura, cronologia e seu significado histórico foi recentemente apresentada ao I Congresso Peninsular de História Antiga uma comunicação <sup>1</sup>.

Pretende-se deste modo contribuir para a publicação integral dos achados, tarefa iniciada com o estudo das fíbulas <sup>2</sup> e das asas de sítula <sup>3</sup> e que mais tarde foi continuada com as moedas <sup>4</sup>, os passadores <sup>5</sup> e a cerâmica campaniense <sup>6</sup>.

Ocupar-nos-emos dos projecteis para funda: tanto dos de chumbo, vulgarmente conhecidos por *glandes plumbeae*, como dos de pedra e terracota, menos referidos nos trabalhos científicos. Aproveitamos ainda para dar a conhecer ou referir de forma mais detalhada os exemplares idênticos encontrados no território português. De facto, dada a raridade deste tipo de materiais, não se fez entre nós, até ao momento, um estudo sistemático,

<sup>1</sup> GUERRA, A.; FABIÃO, C. — *Escavações no acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil): Resultados preliminares*, Santiago de Compostela, 1-5 de Julho de 1986 (Actas no prelo, pré-tiragens disponíveis).

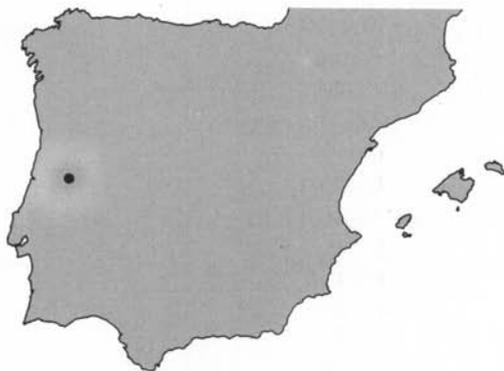
<sup>2</sup> NUNES, J. de C. — *Broches fíbulas em castros portugueses*. "Zephyrus", 9 (2), 1958, p. 231-233; Idem — *Fíbulas de tipo Naubeim no castro da Lomba do Canho em Arganil*. "Revista de Guimarães", Guimarães, 69, 1959, p. 5-23.

<sup>3</sup> IV. — *Novos elementos para o estudo da arte castreja em Portugal*. "Revista de Guimarães", Guimarães, 68, 1958, p. 5-17.

<sup>4</sup> FARIA, A. — *Espólio monetário do acampamento romano de Arganil*. "Trabalhos do Museu Regional de Arganil", Arganil, 2, 1982.

<sup>5</sup> GUERRA, A.; SENNA-MARTINEZ, J. C. — *Os passadores da Lomba do Canho, Arganil: A sua inserção no contexto dos materiais idênticos do território português*. "Clio/Arqueologia", Lisboa, 2 (no prelo).

<sup>6</sup> FABIÃO, C.; GUERRA, A. — *A cerâmica campaniense do acampamento da Lomba do Canho (Arganil)*. "Clio/Arqueologia", Lisboa, 2 (no prelo).



encontrando-nos perante achados sumariamente publicados ou ainda inéditos.

Não queremos deixar de agradecer ao Senhor Prof. Doutor João de Castro Nunes o entusiasmo e apoio que sempre nos dispensou, aos Senhores Directores do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e do Museu de Évora as facilidades de acesso e de publicação dos materiais em depósito nessas instituições e aos Drs. Luís Raposo e António Carlos Silva pela autorização de incluir nestes trabalhos os recentes achados da Foz do Enxarrique.

Os primeiros estudos sistemáticos dedicados às *glandes plumbeae* caracterizam-se pelo seu cunho epigráfico e pela íntima ligação estabelecida por essa via entre elas e determinados acontecimentos históricos. Este cariz epigráfico nota-se particularmente em dois trabalhos de K. Zangemeister sobre este tipo de materiais: um, de âmbito mais geral, pretendia ser um *corpus* das inscrições latinas sobre *glandes* em todo o império romano <sup>7</sup>; outro, integrado no vol. IX do C.I.L. <sup>8</sup>, era dedicado especificamente ao conjunto de achados provenientes de *Ascolum* (Ascoli actual) e de outras localidades do Piceno.

É, de resto, nos vols. I e II dessa monumental obra que se recolhem as primeiras referências precisas a alguns exemplares do território peninsular, nomeadamente de Osuna, Montoro, Castillo de Teba e Huelva <sup>9</sup>.

Engel e Paris <sup>10</sup> deram mais tarde conhecimento de um importante núcleo, tanto pelo número de exemplares como pelo seu significado histórico, após escavações na fortaleza de Osuna.

Para a Península Ibérica reveste-se igualmente de certa importância o contributo dado mais tarde por Domergue que procurou determinar o fabrico

<sup>7</sup> *Glandes plumbeae latinae inscriptae*. "Ephemeris Epigraphica", Berlim, 6, 1885.

<sup>8</sup> *Glandes Asculanae et reliquae Picenae*, in "CIL", vol. IX, p. 631-637.

<sup>9</sup> Respektivamente CIL, vol. I, n.º 885 e vol. II, 4965.1; CIL, vol. I, 886 e vol. II, 6248.2; CIL, vol. II, 4965.2; CIL, vol. II, 6248.3-8.

<sup>10</sup> ENGEL, A.; PARIS, P. — *Une forteresse ibérique à Osuna*, Paris, 1906.

local dos projecteis de Azuaga (Badajoz) através de múltiplas análises de escórias e minérios. Os exemplares epigrafados permitem o relacionamento dos achados com a época sertoriana <sup>11</sup>.

Mas sem dúvida que o estudo mais completo sobre as *glandes* se deve a Henry <sup>12</sup> que se dedicou à recolha exaustiva de tudo quanto se prende com o uso da funda na Itália antiga. Para além da recolha de elementos sobre os projecteis existentes nos museus italianos e seu estudo estatístico, trata de questões gerais que interessam particularmente a este nosso estudo, nomeadamente problemas de fabrico e cronologia.

Os projecteis de chumbo para funda que os latinos designavam por *glandes plumbeae* eram já usados na Grécia e no Oriente e desse uso dão testemunho muitos escritores gregos. Uma recolha exaustiva desses testemunhos pode ser encontrada na obra referida de Henry <sup>13</sup>.

Que os etruscos fizeram largo uso da funda documentam-no as frequentes representações de fundibulários em obras de arte. Foi a partir delas que se teceram algumas considerações acerca da multiplicidade de formas e funções que esse instrumento poderia ter.

Torna-se muito difícil distinguir os projecteis etruscos dos romanos, a não ser que se possuam elementos epigráficos ou se conheça o contexto arqueológico preciso. Tendo em conta as dimensões dos exemplares cuja atribuição cronológica não era problemática, Henry <sup>14</sup> conclui que os mais antigos exemplares de Itália, provavelmente de origem grega, se caracterizavam pelas suas reduzidas dimensões. Considerou ainda que este critério era válido, em certa medida e dentro de certos limites, para distinguir os de origem etrusca dos romanos. É esse parâmetro que o leva a considerar, por exemplo, as *glandes*, de Viterbo mais antigas que as de Enna ou Perúsia (datáveis estas de 132 a.C. e 41 a.C., respectivamente). Não deixa, contudo, de reconhecer limitações à validade das conclusões obtidas por este meio.

Na Península Ibérica estes problemas de atribuição não se colocam com tanta acuidade, dado que não se põe geralmente em causa a sua origem romana. Engel e Paris <sup>15</sup>, no entanto, levantam a hipótese de alguns exemplares serem de proveniência ibérica pela natureza das inscrições que apresentavam. Seria difícil hoje aceitarmos uma dicotomia tão marcada para a época e os acontecimentos a que estão associados — as Guerras Civis. Nunca esteve em causa que nas tropas pompeianas, como é o caso, estivessem integrados fundibulários de origem ibérica. Recordamos que ficaram

<sup>11</sup> DOMERGUE, C. — *Un témoignage sur l'industrie du plomb dans la région d'Azuaga (Badajoz)*, in "XI Congreso Nacional de Arqueología (Mérida, 1968)", Saragoça, 1970, p. 608-626.

<sup>12</sup> HENRY, B. — *La fondre en Italie du VII<sup>e</sup> s. av. J. C. à l'empire romain*, 2 vols., Paris, Diplôme de l'École des Hautes Études, 1970-73 (policopiado).

<sup>13</sup> ID. — *Ibid.*, vol. II.

<sup>14</sup> ID. — *Ibid.*, vol. I, p. 238.

<sup>15</sup> ENGEL; PARIS — *op. cit.*, p. 446 (v. nota 10).

conhecidos nos exércitos romanos os fundibulários das Baleares <sup>16</sup> onde uma tradição de uso da funda se prolongou até aos nossos dias <sup>17</sup>.

No processo normal de fabrico destes projecteis — aquele em que se recorria à fusão da matéria-prima — poderíamos distinguir quatro fases:

a) *Fusura* — fusão do chumbo que se apresentava normalmente sob a forma de lingotes ou placas estreitas, semelhantes às que foram encontradas em Adria <sup>18</sup>.

b) *Infusio* — enchimento dos moldes com o chumbo fundido. Os moldes, geralmente de argila, eram constituídos por duas partes simétricas. Veja-se a título exemplificativo o exemplar encontrado em Phanagoria, actualmente no Museu do Ermitage <sup>19</sup>.

c) *Concatenatio* — juntas as duas partes do molde, mantinham-se unidas por meio de cavilhas até à consolidação do chumbo.

Muitos exemplares produzidos por este processo denotam a não coincidência perfeita dos dois elementos.

d) *Sectio* — separação do molde das *glandes* já moldadas e dos projecteis entre si, muitas vezes ainda ligados por uma placa fina.

Os projecteis semiovoídes, porque eram produzidos com um molde de uma só peça, não passavam pela fase c).

As *glandes* existentes no Museu Nacional de Arqueologia parecem-nos todas produzidas por este processo, pelas marcas deixadas em alguns exemplares e particularmente evidentes no que é identificado com o número de inventário 16031 A (fig. 2, n.º 1), proveniente de Mértola. Geralmente os projecteis deste modo produzidos apresentam superfícies mais lisas e uma forma mais regular, embora, pela baixa dureza do chumbo, estejam sujeitas facilmente a alterações.

Os exemplares da Lomba do Canho no seu conjunto distinguem-se bem destes, tanto do ponto de vista formal como pela técnica de fabrico. Formalmente são na sua maioria marcadamente bicónicas, mais alongadas e mais irregulares. Assemelham-se a alguns exemplares de Azuaga <sup>20</sup> e a um dos de S. Miguel de Sorba <sup>21</sup>.

<sup>16</sup> São a este respeito elucidativas duas passagens de Ovídio — *Metamorfoses*, vol. II, p. 727-730 e vol. IV, p. 709-710. Na primeira delas faz-se eco da tradição segundo a qual o chumbo fundiria em consequência da velocidade que os projecteis atingiam: "Non secus exarsit, quam cum Balearica plumbum/Funda iacit; uolat ilhud et incandescit eundo/Et quos non Habbit sub nubibus inuenit ignes".

<sup>17</sup> HUBRECHT, A. V. — *The use of the sling in Balearic isles*. "Bulletin van de Vereening tot bevorderingder Kennis van de Beschaving", 33, 1964, p. 92-93.

<sup>18</sup> FOGOLARI, G.; SCARFI, B. M. — *Adria antica*, Veneza, 1970, fig. 71, 2.

<sup>19</sup> DAREMBERG, Ch. (dir.) — *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines*, II parte, Paris, Librairie Hachette, 1877-1919, p. 1906, fig. 623, p. 1610.

<sup>20</sup> SERRA Y VILLARÓ, V. J. — *S. Miguel de Sorba. Memoria de los trabajos realizados en 1920-21*. Madrid, Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, 1922, Lam. XVII, D. Para os achados de Azuaga DOMERGUE, C. — *Un Témoignage sur l'industrie minière et métallurgique du plomb dans la région d'Azuaga (Badajoz) pendant la Guerre de Sertorius*, in "Congreso Nacional de Arqueología, XI, Mérida, 1968", Saragoça, 1970, p. 608-626.

<sup>21</sup> BENOIT, F. — *Les fouilles d'Entremont*, "Gallia", Paris, 26, p. 8.

Mas o que mais os distingue é a técnica de fabrico. Pela irregularidade, pela presença de uma ranhura no sentido longitudinal ao meio da peça estamos em crer que elas não foram produzidas pelo processo atrás descrito, mas teriam sido marteladas, operação fácil, dada a grande ductilidade do chumbo.

Esta forma de produção não foi muito divulgada certamente: até ao momento apenas tivemos oportunidade de a ver referida nos exemplares de Entremont, descrita por Benoît<sup>22</sup> como “feuille de plomb repliée”. Pela observação dos três projecteis do Castelo da Lousa, e dos da Foz do Enxarrique especialmente pela presença da ranhura longitudinal, estamos convictos que também ali se utilizou este mesmo processo. Obter-se-iam a partir de placas de chumbo, provavelmente idênticas a uma que foi encontrada na Lomba do Canho, com cerca de 17 cm x 4 cm e uma espessura de aproximadamente 0,5 cm, apresentando de um lado uma reentrância em V.

Uma boa parte dos conjuntos actualmente conhecidos não permite uma datação baseada no contexto estratigráfico, por isso, apenas alguns exemplares epigrafados podem ser enquadrados cronologicamente. Estes possibilitam o relacionamento com determinados factos históricos de que resulta com frequência o estabelecimento de balizas mais apertadas do que as que a análise estratigráfica consegue.

### QUADRO 1

Quadro comparativo dos exemplares encontrados em território português com os principais conjuntos datados

1	2	3	4	5	6	7
St. Blaise	Moldagem	—	Cilindrocónicas	49 a.C.	37	38.15
Osuna	Moldagem	> 1000	Bicónicas/Olivif.	45 a.C.	100	—
Azuaga	Moldagem	1900	Bitroncocónicas	78-76 a.C.	50	42.17
Enna	Moldagem	> 200	Oliviformes	132 a.C.	30	30.15
Perúsia	Moldagem	178	Oliviformes	41 a.C.	42	35.17
Ascoli	Moldagem	1253	Oblongas	89-88 a.C.	47	—
Thamusida	Moldagem	—	Oliviformes	33-25 a.C.	41	32.18
Volubilis	Moldagem	—	Oliviformes	33-25 a.C.	—	—
Mértola	Moldagem	3	Oblongas		56	36.20
Chamusca	Moldagem	9	Oliviformes		38	33.16
Moncorvo	Moldagem	1	Oliviformes		31	30.16
Castelo da Lousa	Placa batida	3	Oblongas		66	40.17
Foz Enxarrique	Placa batida	3	Bicónicas		52	45.17
Arganil	Placa batida	9	Bicónicas		32	46.15

1 — Proveniência; 2 — Processo de fabrico; 3 — Exemplares; 4 — Forma; 5 — Cronologia; 6 — Peso médio (g); 7 — Dimensões: comp./espes. (mm).

Não se nos afigura possível, contudo, constituir, a partir destes dados, um quadro tipológico que permita situar os restantes conjuntos. Do mesmo

modo se apresenta pouco convincente a extrapolação cronológica “teórica” usada por Henry para situar os exemplares de Viterbo <sup>22</sup>, como não deixa de levantar algumas reservas a distinção operada por Zangemeister em relação a *glandes* de origem grega e latina com base na forma e nas dimensões <sup>23</sup>. Uma apreciação do quadro I permite concluir que é impossível encontrar uma linha de evolução neste tipo de achados que obedeça apenas a critérios formais.

O que esse mesmo quadro revela é a concentração dos conjuntos no período de aproximadamente um século a começar em 132 a.C. Embora Fougères <sup>24</sup> considere que os fundibulários teriam passado a integrar o exército romano em 189 a.C., a sua importância só veio a manifestar-se após as reformas de Mário <sup>25</sup>. A data de 41 a.C. que assinala a guerra de Perúsia é geralmente apontada como o mais recente marco para as *glandes* datadas por meio epigráfico, baliza que deverá ser alterada se considerarmos que as inscrições *REX SOS* e *R E F* são abreviaturas das legendas *REX BOCCHVS ET SOSII FILIVS* que ocorre em moedas cunhadas entre 33 e 25 a.C. <sup>26</sup>.

Não se pretende que qualquer uma destas datas corresponda ao *terminus* de produção e uso das *glandes plumbeae*, mas devem certamente representar um momento em que a utilização deste tipo de projecteis decaí drasticamente seja por se tornarem demasiado onerosos, seja por se considerarem obsoletos, seja por qualquer outro motivo.

Parece-nos por isso significativo que estes materiais praticamente não se encontrem em zonas onde o domínio romano chegou nos últimos anos da república ou já no período imperial.

O que é certo é que um uso em época imperial se encontra documentado seja textualmente, em dois passos de Tácito <sup>27</sup>, reportáveis a acontecimentos de 57 d.C. e 70 d.C. como através de achados que se situarão provavelmente em data ainda mais tardia, originários da Escócia <sup>28</sup>.

Os dados deste tipo que possuímos para a Península Ibérica circunscrevem o uso da funda a dois acontecimentos de capital importância: as Guerras Sertorianas e as Guerras Civis. Ao primeiro pertencem os achados de Azuaga, datados por Domergue com base em inscrições que referem com

<sup>22</sup> HENRY — *op. cit.*, vol. I, p. 238-243, (v. nota 12).

<sup>23</sup> ID. — *Ibid.*, p. 234.

<sup>24</sup> FOUGÈRES — *S. U. Glans*, in DAREMBERG — *op. cit.*, p. 1611 (v. nota 19).

<sup>25</sup> HARMAND, J. — *L'Armée et le soldat à Rome de 107 à 50 avant notre ère*. Paris, 1967, p. 41, p. 77.

<sup>26</sup> CALLU, J. P., et al. — *Thamusida, Fouilles du Service des Antiquités du Maroc*. Paris, 1965, p. 104-105; MARION, J. — *Balles de fondre estampillés du I siècle av. J. C.* “Bulletin d'Archéologie Marocaine”, Rabat, 4, 1960, p. 488-490.

<sup>27</sup> Ann., XIII, 39, 5: “*Libratoribus funditoribusque attributus locus unde eminus glandes torquerent*”; Hist., V, 17, “*Saxis, glandis et ceteris missilibus praelium incipitur*”.

<sup>28</sup> WILSON, D. R. — *Roman Britain, I. Sites explored in 1967*. “Journal of Roman Studies”, Londres, 1968, 58, p. 178-179.

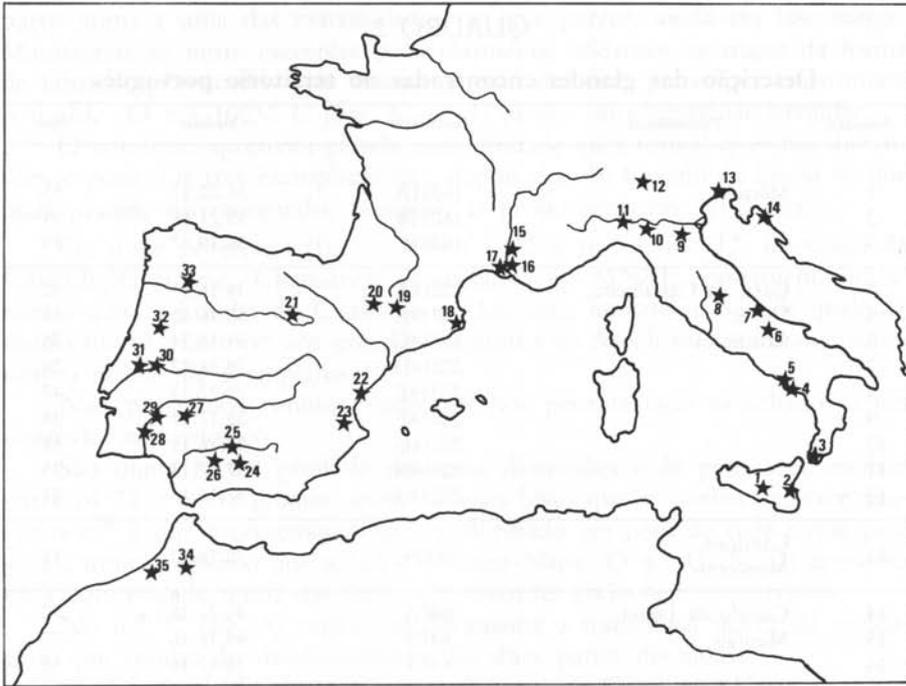


Fig. 1 — Enna; 2 — Siracusa; 3 — Reggio Calabria; 4 — Pompeia; 5 — Herculano; 6 — *Alba Fucens*; 7 — Ascoli; 8 — Monteluçe (Perúsia); 9 — Adria; 10 — Parma; 11 — Piacenza; 12 — Brescia; 13 — Aquileia; 14 — Lussin; 15 — Entremont; 16 — Saint-Blaise; 17 — Piéredon; 18 — Ampurias; 19 — S. Miguel de Sorba; 20 — Castellvell; 21 — Numância; 22 — Sagunto; 23 — Alcalá de Gisbert (Valência); 24 — Osuna; 25 — Cerro del Nuño; 26 — Utrera; 27 — Azuaga; 28 — Mértola; 29 — Castelo da Lousa; 30 — Foz do Enxarrique (Vila Velha de Ródão); 31 — Ulme (Chamusca); 32 — Arganil; 33 — Carviçais (Moncorvo); 34 — Volubilis; 35 — Thamusida.

toda a probabilidade Q. Cecílio Metelo, procônsul da Hispânia Ulterior<sup>29</sup>. Por outro lado a inscrição *CN.MAG/IMP* que se lê nos exemplares de Utrera e Osuna permitem relacionar os achados com a fase final das Guerras Civis — a altura em que, morto Pompeio, são os filhos, Gneu e Sexto, que prolongam o conflito<sup>30</sup>.

Dado que os exemplares do território português são, salvo raras excepções, desconhecidos, teceremos algumas considerações que completarão a descrição sumária apresentada no quadro 2.

<sup>29</sup> DOMERGUE — *op. cit.*, p. 610 (v. nota 11).

<sup>30</sup> ENGEL; PARIS — *op. cit.*, p. 446 (v. nota 10).

## QUADRO 2

## Descrição das glandes encontradas no território português

Número	Proveniência	Inventário	Medidas	Peso
1	Mértola	16031A	36.20.17	55
2		16031B	35.21.16	54
3		16031C	36.19.17	59
4	Casal da Cascalheira,	20214A	34.16.15	32
5	Ulme,	20214B	36.16.13	35
6	Chamusca	20214C	34.16.14	38
7		20214D	29.14.12	28
8		20214E	32.22.13	47
9		20214F	35.17.15	36
10		20214G	30.16.15	31
11		20214H	37.17.13	35
12		20214 I	37.16.15	37
13	Carviçais, Moncorvo	16724	30.16.12	31
14	Castelo da Lousa,	64G1	40.20.18	70
15	Mourão	64P1	43.18.16	70
16		64E1	38.17.16	58
17	Lomba do Canho,	LC1001	46.16.13	40
18	Arganil	LC1002	53.14.14	39
19		LC1003	42.15.12	31
20		LC1004	41.16.13	32
21		LC1005	40.14.12	28
22		LC1006	48.16.13	34
23		LC1007	41.16.13	35
24		LC1008	41.14.13	25
25		LC1009	36.14.12	25
26	Foz do Enxarrique,	N-42-8	44.18.14	48
27	Vila Velha de Ródão	N-42-9	45.16.13	49
28		N-42-10	45.18.15	59

O conjunto de Mértola, depositado no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, provém, segundo o inventário, do Cerro da Fonte do Juiz. Leite de Vasconcelos tinha publicado o desenho de um deles (n.º 2) com a indicação de que tinha sido encontrado “defronte a Myrtilis, na margem esquerda do Anas”<sup>31</sup>. Embora este seja o exemplar em melhor estado, todos eles se apresentam bem conservados, com uma película de oxidação pouco espessa e de cor acinzentada. Ao n.º 16031 A (fig. 2, n.º 1) foi retirada uma

<sup>31</sup> VASCONCELOS, J. L. — *Religiões da Lusitânia*, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1913, p. 183.

parte junto a uma das extremidades, ao que parece, ainda em fase antiga. Manifestam-se neste exemplar particularmente evidentes os traços da forma de fabrico, provocados pelo desajustamento das duas partes que constituíam o molde. O n.º 16031 C (fig. 2, n.º 3) possui uma superfície irregular.

O conjunto apresenta grande uniformidade quer formal quer nas dimensões e peso. Os três exemplares são, depois dos do Castelo da Lousa os que mais pesam, não atingindo, contudo, as proporções dos de Osuna.

Os nove projecteis (fig. 2, n.ºs 4 e 11 e fig. 3, n.º 12) do Casal da Cascalheira (Ulme, Chamusca) depositados no MNAE constituem, juntamente com a Lomba do Canho, o núcleo mais numeroso. São de qualquer modo muito inferiores aos grandes conjuntos de Ascoli ou Osuna que superam o milhar de exemplares.

Não possuímos nenhum dado que nos permita ligar os achados a um contexto arqueológico.

São duma forma geral de pequenas dimensões e de pesos que oscilam entre os 28 e os 38 gramas, entre os mais leves que se conhecem (exceptua-se o n.º 8 que recentemente foi transformado em peso de rede e que pesa 47 g), muito próximo dos achados de Saint-Blaise. O n.º 11 (fig. 2) apresenta uma concavidade numa das faces. Os restantes estão bem conservados.

No n.º 12 (fig. 3) verifica-se claramente a tradicional marca de moldagem que resulta do desajustamento das duas partes do molde.

O único achado deste tipo proveniente de Carviçais (Moncorvo) encontra-se igualmente no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (fig. 2, n.º 13). Também nada sabemos do contexto em que foi encontrado. É uma *glans* muito pequena, muito próxima nas dimensões e na forma das de Casal da Cascalheira.

Os três exemplares (fig. 3, n.ºs 14-16) do Castelo da Lousa (Mourão), actualmente no Museu de Évora, são referidos de forma muito sumária numa notícia de trabalhos já antigos desenvolvidos nesse fortim<sup>32</sup>. Por ela ficamos igualmente a saber que a ocupação do sítio se concentra fundamentalmente no final do período republicano e início do império. Não sabemos contudo em qual destes contextos, segundo os responsáveis pelos trabalhos, se podem incluir.

Os projecteis foram objecto de um restauro que eliminou a superfície oxidada e isolou as peças, retirando-as do contacto com o ar.

A ranhura longitudinal que apresentam denuncia o seu processo de fabrico que as aproxima do conjunto de Arganil. Aqueles são, no entanto, significativamente mais pesados — aproximadamente duas vezes mais.

As nove *glandes* da Lomba do Canho (Arganil) (fig. 3, n.ºs 17-25) apareceram junto ao canto NW de um compartimento de paredes particularmente espessas do chamado "sector A", muito próximo do ponto onde se

<sup>32</sup> PAÇO, A., et al. — Castelo da Lousa (Mourão). "Junta Distrital de Évora", Évora, 6, 1965, p. 193-203.

encontrou o núcleo mais numeroso de *pila catapultaria* que a estação forneceu e que nunca chegaram a ser utilizados.

Este, como o restante material, proveniente da Lomba do Canho, encontra-se exposto no Museu Regional de Arganil.

Os projecteis de chumbo apresentam uma oxidação bastante profunda que dá à superfície uma tonalidade esbranquiçada e em muitos casos ocasionou a perda das extremidades das *glandes*. Por este facto a sua forma original bicónica alongada que caracteriza genericamente o conjunto não é hoje tão clara em alguns exemplares, mas é ainda perfeitamente observável na peça n.º 18 (fig. 3). Noutros casos é evidente a proximidade dos exemplares oliviformes, mantendo, no entanto, tendência para o alongamento.

A média de peso é, actualmente, de cerca de 32 gramas o que faz deste núcleo um dos mais leves que conhecemos (v. quadro 1).

Todos os exemplares apresentam uma ranhura longitudinal que caracteriza geralmente os projecteis fabricados pelo processo de martelagem.

Os três exemplares da Foz do Enxarrique (fig. 3, n.ºs 26-28) provêm de um nível de ocupação que forneceu poucos materiais característicos, tornando-se deste modo as *glandes* os indicadores cronológicos mais seguros. Como vimos ao longo deste trabalho é muito provável que estejamos perante uma ocupação do final do período republicano.

Do ponto de vista formal é o conjunto que mais se assemelha ao de Arganil, tanto pelo processo de fabrico como pela sua forma. Apresentam-se muito bem conservadas, sendo a oxidação muito superficial.

O seu reduzido número e a escassez de dados relativos ao contexto faz com que os achados do território português possuam um diminuto valor arqueológico e histórico. De qualquer modo constituem sempre elementos de certo interesse para o estudo do início da romanização, período para o qual os dados já de si são normalmente escassos.

Como materiais bélicos típicos, usados predominantemente em época tardo-republicana, tornam-se indícios de uma presença militar, sobretudo se confirmada por outros materiais, dado que, quando achados isolados, têm um modesto significado.

Apenas os conjuntos do Castelo da Lousa e da Lomba do Canho se apresentam, neste momento em condições de darem algum contributo significativo, especialmente esta última, cuja ocupação se centrou aproximadamente entre 75 e 40 a.C., datação estabelecida fundamentalmente com base nos achados cerâmicos e numismáticos, mas que condiz perfeitamente com a que se costuma atribuir às *glandes* de chumbo.

Embora mais raros que os exemplares de chumbo, aparecem por vezes *glandes latericiae* cujas funções não estão ainda claramente estabelecidas. Considera-se habitualmente a utilização na caça às aves, no treino militar e como projecteis incendiários. Esta última estaria documentada num passo de César que se refere a “feruentes fusili ex argilla glandes”<sup>33</sup>.

<sup>33</sup> Bel. Gal., V, 45.

O seu uso para fins especificamente bélicos parece afastado por Fougères<sup>34</sup>, mas admitido por Benoît ao considerá-los uma arma de defesa dos habitantes do povoado de Entremont<sup>35</sup>. Embora a documentação existente não seja conclusiva, estes projecteis poderiam eventualmente servir para a transmissão de mensagens, função atestada genericamente para as *glandes* em dois passos do *Bellum Hispaniense*<sup>36</sup>.

O seu processo de fabrico não era, segundo Henry<sup>37</sup>, muito diferente das suas congéneres de chumbo. Seriam também produzidas por molde, mas sujeitas no final às operações de secagem e cozedura.

Considera-se provável a sua origem púnica, fundamentada no facto de os achados mais significativos se situarem em Cartago e na sua área de influência (Cartago, Djebel-Ahmal, Sicília e Sardenha). A dispersão deste material chega à Gália (Entremont<sup>38</sup>, Saint Blaise<sup>39</sup>) e à Península Ibérica (Numância<sup>40</sup> e Azuaga<sup>41</sup>). O único exemplar conhecido no território português provém de Évora Monte e foi dado a conhecer por J. Leite de Vasconcelos que acerca dele teceu pertinentes considerações<sup>42</sup>.

Juntamente com a *glans latericia* de Évora Monte, J. Leite de Vasconcelos apresenta uma outra, de pedra, proveniente do Algarve<sup>43</sup>. A semelhança entre esta e os exemplares metálicos é notória e pela fidelidade da imitação pode-se considerar um caso raro.

São, contudo, vulgares os projecteis em pedra, mas na maioria dos casos rolados ou ligeiramente afeixoados, normalmente ovóides, não apresentando o perfil oliviforme, caracterizado dos modelos de chumbo.

Em achados como os de Tharsos<sup>44</sup>, também o peso se aproxima muito dos 50 g que podemos considerar médio nos exemplares metálicos.

Na Lomba do Canho foram recolhidas algumas pedras de forma aproximadamente ovóide, cujo peso médio é cerca de 150 gramas e que, segundo pensamos, poderiam ter sido usadas igualmente nas fundas. Tal utilização está bem documentada em duas cenas da coluna de Trajano<sup>45</sup> e manteve-se até aos nossos dias na região que fornecia tradicionalmente os fundibulários ao exército romano<sup>46</sup>. Neste caso podem mesmo atingir uma libra (436 g).

<sup>34</sup> DAREMBERG — *op. cit.*, p. 1906 (v. nota 19).

<sup>35</sup> BENOÎT — *op. cit.* p. 8 (v. nota 21).

<sup>36</sup> 13,3, e 18,4.

<sup>37</sup> HENRY — *op. cit.*, p. 81-83 (v. nota 22).

<sup>38</sup> BENOÎT — *op. cit.*, p. 8 (v. nota 21).

<sup>39</sup> ROLLAND, H. — *Fouilles de Saint-Blaise (Bouches-du-Rhône)*, Paris, 1951, p. 135.

<sup>40</sup> SCHULTEN, A. — *Numantia*, vol. II, Munique, 1931, p. 241 e 269; Taf. 38 B.

<sup>41</sup> DOMERGUE — *op. cit.*, p. 609 e segs. (v. nota 11).

<sup>42</sup> VASCONCELOS, J. L. — *Antigualbas de Evoramonte*. "O Arqueólogo Português", Lisboa, 23, 1918, p. 78-81.

<sup>43</sup> ID. — *Ibid.*, p. 80.

<sup>44</sup> HENRY — *op. cit.*, p. 17 (v. nota 22).

<sup>45</sup> MONTI, P. M. — *La colonna traiana*, Roma, 1980, p. 74 e 79.

<sup>46</sup> HUBRECHT — *op. cit.*, p. 92-93 (v. nota 17).

Temos de qualquer modo de considerar a hipótese de os exemplares da Lomba do Canho poderem ter servido para arremesso à mão, função igualmente atestada na coluna de Trajano e atribuída aos exemplares das escavações do povoado de Saint-Blaise <sup>47</sup>.

As representações da coluna de Trajano parecem-nos, contudo, sugerir que estas duas funções andam ligadas — de facto, num dos casos representam-se lado a lado um fundibulário e um arremessador de pedras, vestidos da mesma forma, utilizando o mesmo tipo de projecteis e transportando-os da mesma maneira <sup>48</sup>. Poder-se-ia considerar a hipótese de as duas tarefas serem exercidas pelas mesmas pessoas?

Não sabemos quando é que este tipo de projecteis se começa a usar, mas tudo faz crer que ele tenha sido em fase imperial preferidos aos metálicos, mais dispendiosos e talvez mesmo menos eficientes.

*Lisboa, Dez. de 1985*

#### CATÁLOGO

N.º inv. LC 1010; Dimensões (em mm) — 74 x 48 x 39; Peso — 156 g. Arenito castanho avermelhado com vestígios de afeiçoamento, apresenta algumas arestas pouco marcadas (fig. 4, n.º 29).

N.º inv. LC 1011; Dimensões — 78 x 49 x 40; 191 g; (fig. 4, n.º 30). Granito, com vestígios de regularização da superfície, de forma ovóide.

N.º inv. LC 1012; Dimensões — 65 x 39 x 31; 92 g. Arenito esbranquiçado de forma aprox. ovóide com um bico mais marcado, de superfície afeiçoada (fig. 4, n.º 31).

N.º inv. LC 1013; Dimensões — 66 x 49 x 41; 165 g. Granito de grão fino, ligeiramente ovalado, sem arestas (fig. 4, n.º 32).

N.º inv. LC 1014; Dimensões — 62 x 42 x 32; 100 g. Granito de grão fino, aproximadamente ovóide de superfície regularizada (fig. 4, n.º 33).

N.º inv. LC 1015; Dimensões — 98 x 49 x 34; 189 g. Arenito bege, de forma aproximadamente ovóide alongada, com uma ponta marcada, de superfície rolada, mas pouco regular (fig. 4, n.º 34).

<sup>47</sup> ROLLAND — *op. cit.*, p. 133 (v. nota 39).

<sup>48</sup> MONTI — *op. cit.*, p. 74 (v. nota 45).

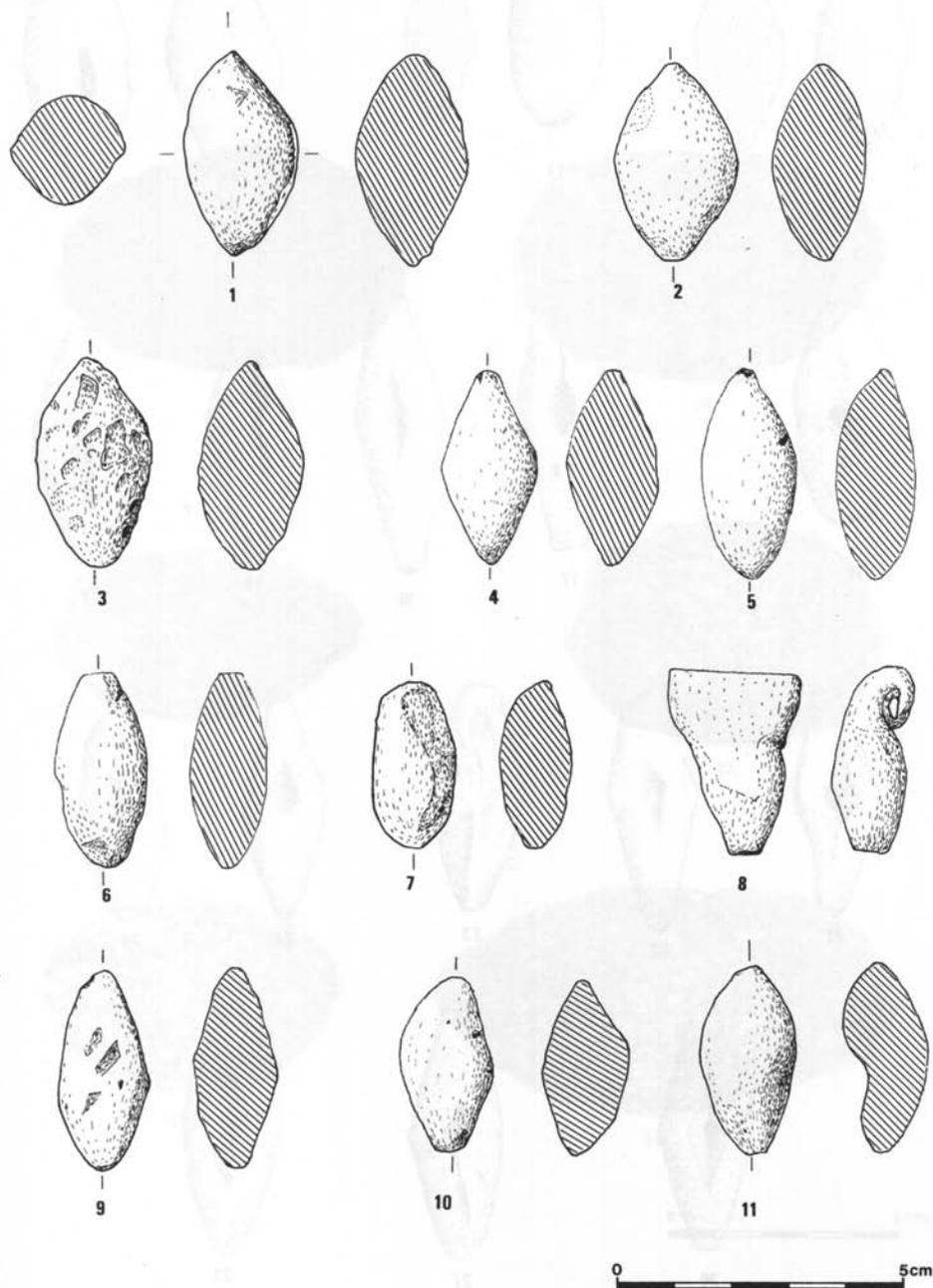


Fig. 2 — Glandes para funda estudadas.

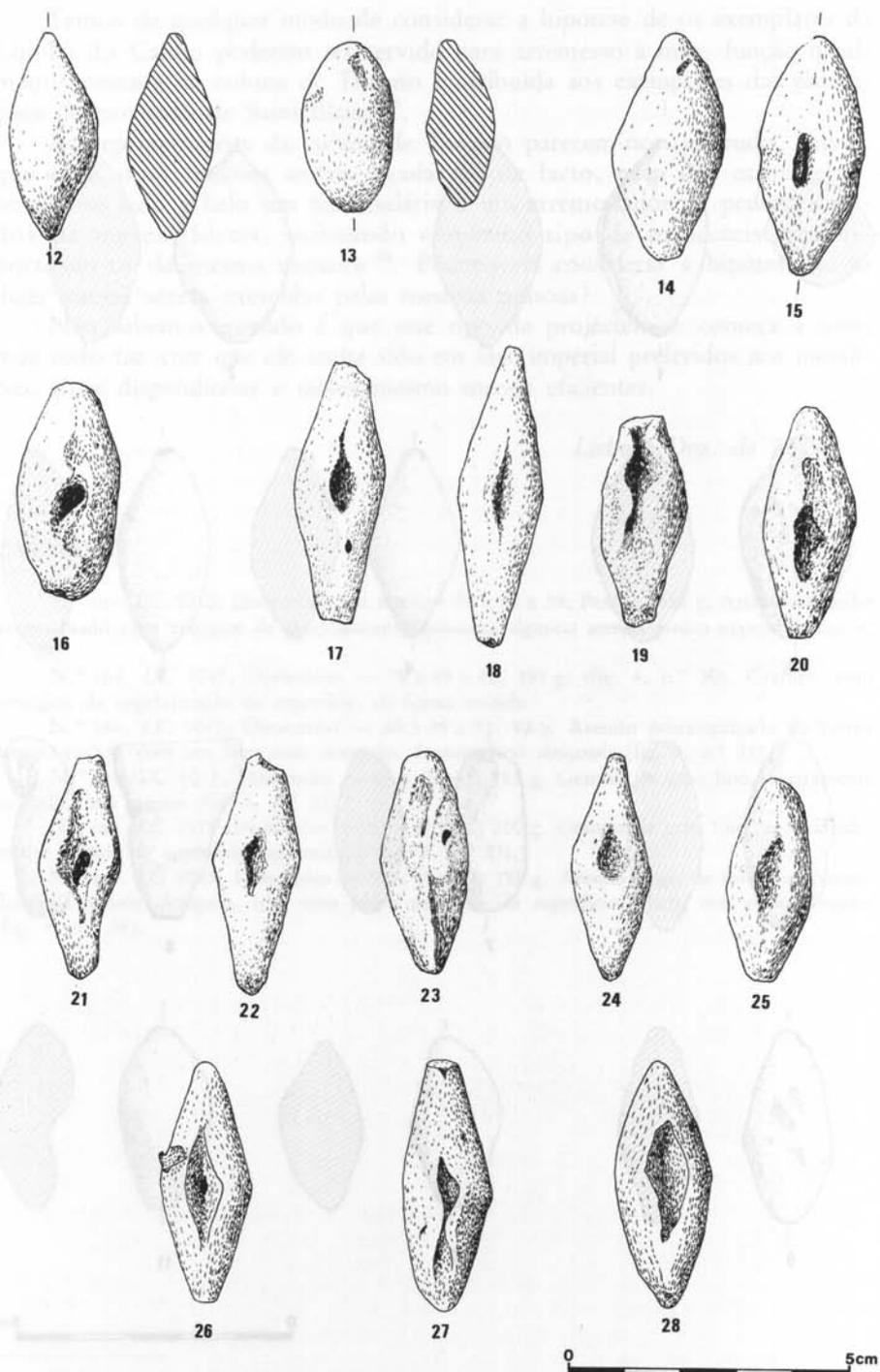


Fig. 3 — Glandes para funda estudadas.

# Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano.

A. M. Dias Damião\*



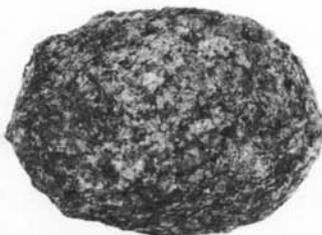
29



30



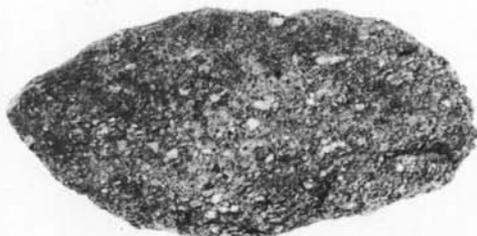
31



32



33



34



Fig. 4 — Projecteis de pedra estudados.

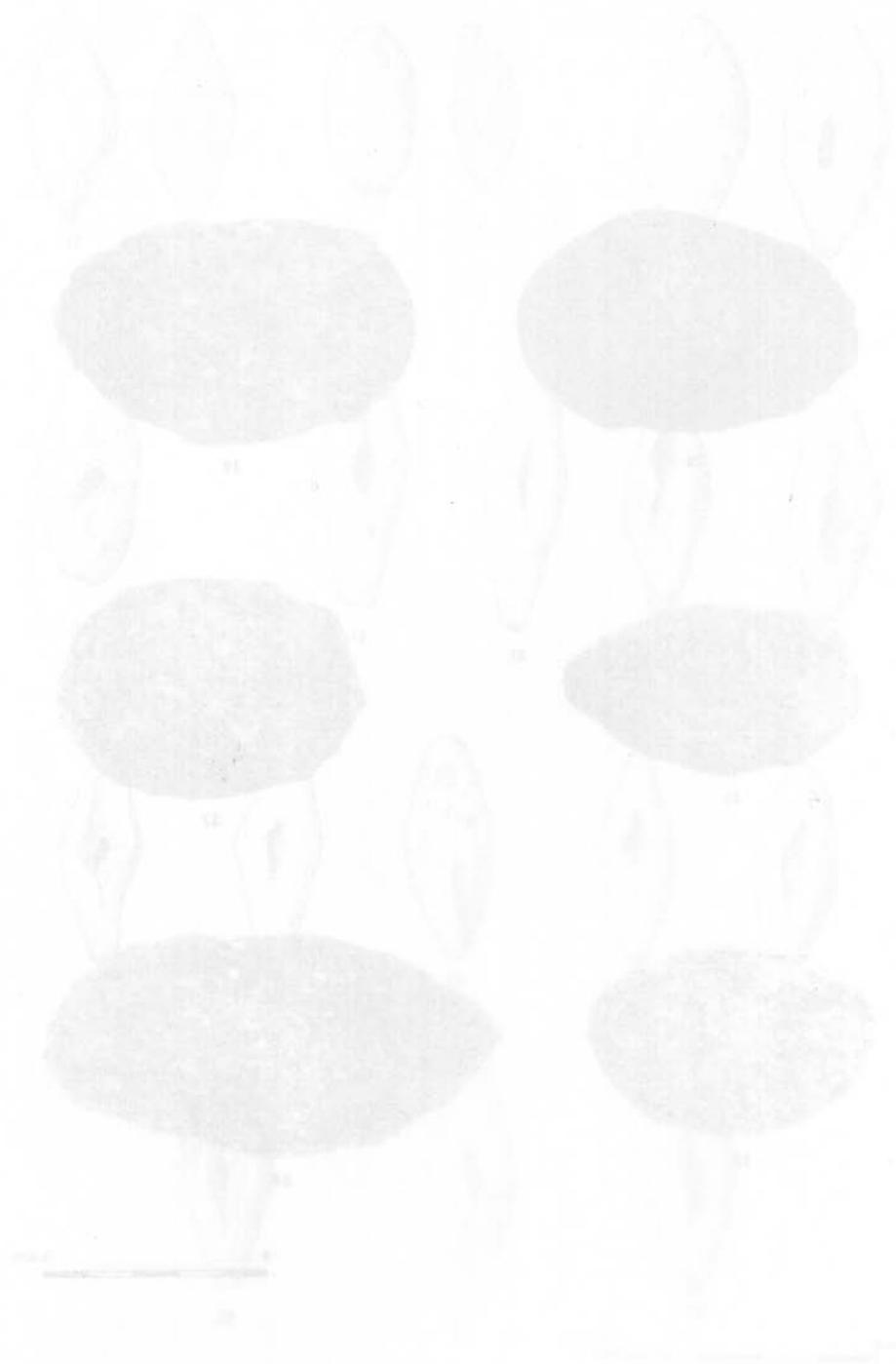


FIG. 1. *Chironomus tentans* (Coquillett). 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100.

PLATE I. *Chironomus tentans* (Coquillett). 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100.